
A HISTÓRIA DA BRIGADA MILITAR PELAS PÁGINAS DA REVISTA PINDORAMA

THE HISTORY OF THE MILITARY BRIGADE THROUGH THE PAGES OF *REVISTA PINDORAMA*

Amanda Siqueira da Silva
Mestre em História – UPF
siqamanda@yahoo.com.br

RESUMO: A revista Pindorama surgiu nos últimos anos do Borgismo no Rio Grande do Sul, num período de crise do Partido Republicano Rio-grandense e de transformações políticas no país. A revista surgiu dentro da Brigada Militar, com apoio de seu comandante, entretanto esta era uma publicação particular de dois tenentes, na qual tinham a intencionalidade de relembrar os grandes feitos militares da Instituição, demonstrando uma preocupação para que a história da BM não fosse esquecida, assim como também reforçava o compromisso da BM com a ideologia do PRR. A Brigada Militar foi criada em 1892 e desde então foi mantenedora da hegemonia política do PRR no Rio Grande do Sul, atuou em defesa destes na Revolução Federalista (1893), na Revolta Assisista (1923) e contra os levantes Tenentistas (1924 até 1926). Durante sua formação, recebeu uma missão de instrução militar pelo Exército Nacional, o que depois levou a uma proximidade grande entre as Forças, a Brigada Militar recebeu forte aparelhamento bélico, o que possibilitou que esta se tornasse um Exército regional com diversas atuações em prol do ideário republicano castilhistas.

PALAVRAS-CHAVE: Brigada Militar. Revista Pindorama. Partido Republicano Rio-grandense.

ABSTRACT: The Pindorama magazine emerged in recent years Borgismo in Rio Grande do Sul, within the Rio Grande Republican Party crisis and political change in the country. The magazine came within the Brigade Military, with the support of their commander, however this was a private publication of two lieutenants, which had the intention of remembering the great military achievements of the institution, demonstrating a concern for the history of BM would not be forgotten, as well as reinforced the commitment of BM with the ideology of PRR. The Brigade Military was established in 1892 and since then has been sustaining the political hegemony of the PRR in Rio Grande do Sul, acted in defense of these in the Federalist Revolution (1893), Assisista in Revolution (1923) and uprisings against the lift Tenentista (1924 to 1926). During his training, received a military training mission by the National Army, which later led to a close proximity between the Forces, the Brigade Military received strong military rigging, allowing this to become a regional army with several performances in support of castilhistas republican ideals.

KEYWORDS: Military Brigade. Magazine Pindorama. Party Republican Rio Grande.

A Revista Periódica Ilustrada Pindorama

No Rio Grande do Sul, a imprensa teve seu marco inicial no ano de 1827, com o Diário de Porto Alegre e peculiarmente devido a necessidades militares, sob a direção do major Lourenço de Castro Júnior. Assim como na Corte, havia no Rio Grande do Sul a luta entre conservadores e liberais que utilizavam a imprensa para disseminar suas ideias. O desenvolvimento desta está fortemente ligada a dois fatores, como nos apresenta Hohlfeldt:

a luta político-partidária que se desenrolou na província, inclusive com sangrentas consequências, como a Revolução de 1893, e o aporte de novas tecnologias que vão interferir diretamente na transformação da imprensa estritamente partidária numa imprensa industrial, passando-se de uma produção artesanal a impressão absolutamente mecanizada (HOHLFELDT, 2007, p. 313).

Muitos foram os jornais e revistas que circularam ao longo da história do Rio Grande do Sul. Jornais de oposição, de combate, lutando por reformas (em diversos setores). A tradição de um periódico refletindo as disputas políticas do país teve vários representantes, dentre eles o jornal de Júlio Prates de Castilhos, *A Federação* (janeiro de 1884), que em suas colunas refletiam alguns dos principais episódios da Questão Militar. E foi seguindo esta tradição que a Revista Pindorama surgiu, inclusive esta faz alusão em algumas edições sobre o jornal de Castilhos.

A Revista Pindorama foi fundada em abril de 1926 e circulou até outubro de 1928¹ e, de acordo com seus proprietários, visava contribuir para a sociedade rio-grandense. Os donos da revista eram o Capitão Antero Marcellino da Silva Júnior e o Tenente João Martins de Oliveira. Em algumas edições houve o apoio de um secretário de redação, Aldo Ladeira Ribeiro, que posteriormente ficou conhecido como historiador da Brigada Militar, e de um encarregado da seção de anúncios, o Tenente Francisco Pinto de Aquino. Os colaboradores

¹ Após a revista Pindorama, diversas foram as publicações que surgiram dentro da BM, a cerca de 30 anos circula na instituição uma revista de nome “Unidade”, destinada aos assuntos de Polícia Militar. Esta segue os moldes das revistas militares, que são criadas pela oficialidade e a instituição apoia e em muitos casos assume o produto. Na década de 50 circulou uma revista denominada de Brigada Gaúcha, que reeditou as ações da Pindorama, esta não obteve os mesmos resultados, mas alguns bem próximos. Ela estava voltada para a nova realidade do policiamento. Também encontramos o jornal Correio Brigadiano, que circula há 20 anos, desenvolvido por um grupo de oficiais. Entretanto muitos policiais militares, acreditam ser um veículo do Comando militar conforme relato de Vanderlei Martins Pinheiro, tenente coronel da Reserva da BM; autor de obras técnicas; editor do jornal Correio Brigadiano e idealizador e autor do projeto que deu origem ao Instituto de Pesquisas da Brigada Militar.

que escreviam na revista eram geralmente integrantes da Brigada: “um seleto corpo de colaboradores”, conforme citava a edição de abril de 1926.

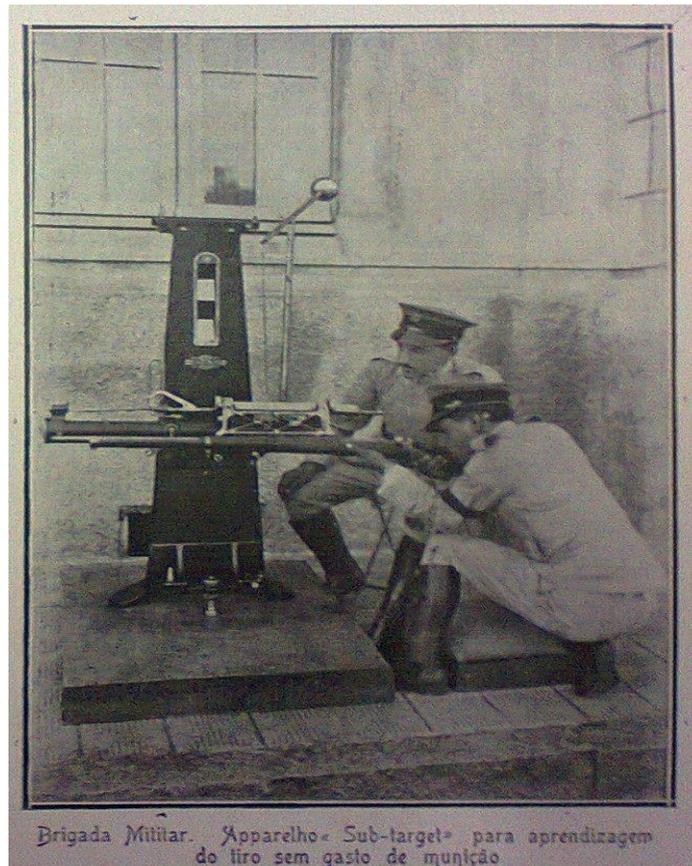
A revista era financiada pelos tenentes, que investiam dinheiro próprio para a publicação desta, também contavam com financiamentos de publicidade e apoio de amigos, o que indica que até mesmo, o Comando Geral da BM enviava contribuições para a efetivação da mesma, já que ao longo de algumas edições, havia o agradecimento ao comando e ao presidente do Estado. Esta era uma publicação particular, não oficial, porém, ficava evidente seu caráter de fundo institucional: uma revista da Brigada Militar do Rio Grande do Sul: “Pindorama que nasceu no seio da Brigada Militar, animada dos sentimentos de patriotismo, de apoio ao regime da ordem e das leis e de aplausos aos grandes vultos que honram a Nação [...]” (PINDORAMA, 1926, n.2). Ao observarmos as funções desempenhadas pelos proprietários da revista, no ano de 1926, conseguimos evidenciar que a revista contava com o aval, apoio e talvez, um suporte cultural, para as finalidades estratégicas da BM, já que o cenário político era incerto e a decadência do PRR se fazia presente.

Ao todo foram editados 31 volumes da revista, que circularam entre os integrantes da polícia brigadiana de todo o Estado, assim como entre amigos, anunciantes e comandos dos demais Estados brasileiros. A revista sempre fazia alusão ao passado glorioso da Instituição que atuou como braço armado ao lado do governo republicano. A periodicidade era mensal, a capa da Pindorama era colorida com a imagem de um homenageado da edição², a revista era impressa em folha off set 70 gramas, media 19 cm de largura e 27 cm de altura, sendo editada em preto e branco, com um total de páginas entre 12 e 18, variando em cada publicação.

A revista continha uma crônica que por vezes apresentava o homenageado da capa, outras vezes falava sobre o desenvolvimento da Capital ou até mesmo visitas importantes que o Estado recebia. Exemplo foi quando o Presidente Washington Luiz visitou Porto Alegre, fato que mereceu destaque devido a este ser o primeiro presidente eleito da República a visitar o Estado em vinte anos, pois como salienta Boris Fausto, “mais do que isso, seu programa de estabilização financeira era bastante compatível com os princípios do PRR [...]” (FAUSTO, 2006, p.32).

² Evidencia-se na maioria das edições, entretanto, algumas trazem na capa personagens que não são citados em nenhuma matéria da revista e não fazem parte dos homenageados, como as edições de outubro e novembro de 1927. Uma traz Getúlio Vargas (candidato à presidência do Estado) e na outra João Neves da Fontoura (candidato à vice-presidente do Estado).

Observa-se que praticamente todas as edições homenageavam um personagem de destaque político ou militar, destacando sempre para seus integrantes os grandes nomes do PRR, como Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Ainda trazia muitas imagens de soldados, de seus familiares, de batalhões, assim como de construções que tinham como fins ser quartel da Brigada ou repartições desta, bem como de brigadianos em treinamento, como mostra a foto abaixo.



Sob legenda: Brigada Militar. Aparelho “Sub-target” para aprendizagem do tiro sem gasto de munição.

Fonte: Pindorama de Abril de 1926, número 1.

Ela comercializava seus espaços publicitários ou de propagandas, encontramos em todos os exemplares, espaços destinados à publicidade em geral como anúncios de advogados, de confecções de paramentos militares, de carros, pneus, entre outros, como demonstrado no anúncio que seguia geralmente no final da revista.

A revista tinha como função informar sobre questões militares, assim como ser de cultura e diversão. Inclusive, algumas edições da revista contavam com um encarte destinado

a diversão, denominado como suplemento humorístico de Pindorama, o Espalha Brazas. Existia uma preocupação com os fatos ocorridos em todo o país, e ainda visualizamos uma preocupação com os fatos históricos de relevância para os editores da revista. Estes definem a função da revista como

[...] destinada a circular no mundo civil e no seio das classes armadas, visando contribuir para o preparo mental dos nossos leitores, proporcionando-lhes páginas a um tempo agradáveis e instrutivas, nas quais incluíssemos assuntos de literatura, arte, ciência, técnica militar, religião, etc., e tratando dos fatos da Brigada Militar, suas forças auxiliares, Exército e demais forças militares da União e dos Estados, enfim, de todos os acontecimentos que interessem a coletividade, reservando lugar de honra aos vultos postos em destaque por seus serviços à Pátria ou à Humanidade (PINDORAMA, 1926, n.1).

Os responsáveis por grande número de artigos na sua maioria são os próprios diretores-redatores, que se intitulavam também como jornalistas-soldados. A revista tinha um custo anual para assinantes de 15\$000, com telefone e sede provisória na rua Andradas, 18 em Porto Alegre, a duas quadras do comando geral da corporação. A revista contava com o apoio do governo estadual, como verificamos em nota na Pindorama³, assinada por Borges de Medeiros. Também recebia o apoio Comando Geral da BM, na figura do coronel Claudino Nunes Pereira e logicamente de toda a cúpula do PRR, que de alguma maneira apoiavam ou eram solidários com o veículo de comunicação social.

A Revista Pindorama seguia a linha das publicações de revistas ilustradas que surgiram no Brasil no início do século XX. Poderíamos até mesmo dizer, que esta publicação inspirava-se na revista do Exército, *A Defesa Nacional*, que surgiu em 1913 para a divulgação das ideias dos jovens turcos⁴ e difusão dos conhecimentos adquiridos na Missão Instrutora Alemã, a revista como salienta Carvalho,

³ Ao analisar a nota que traz o despacho de Borges sobre a revista, fica evidente o apoio de divulgação da revista, assim como até mesmo, apoio financeiro para que o projeto se realize e alcance o objetivo: informar os membros da BM sobre os diversos assuntos.

⁴ Os jovens turcos foram os jovens oficiais do Exército brasileiro, enviados para servirem arregimentados no Exército alemão, entre os anos de 1906 e 1912, já que o Exército alemão era considerado um dos mais bem organizados na época para que se recebesse formação militar. Foram três turmas de oficiais: 1906, 1908 e 1910, cada turma serviu por dois anos. Esses jovens oficiais foram fortemente influenciados pela cultura, organização social e militar alemã. Quando estes voltaram para o Brasil, iniciaram uma campanha em prol da profissionalização dos militares e aparelhamento do Exército brasileiro utilizando-se de uma revista própria, *A Defesa Nacional*, que foi inspirada em uma revista militar alemã.

era exclusivamente técnica e dedicou-se a traduzir regulamentos do Exército alemão, a difundir seu sistema de treinamento, suas práticas e costumes, e a lutar por medidas como o sorteio, a educação militar, o afastamento da política, a defesa nacional (CARVALHO, 2005, p. 27).

Evidenciamos que o grupo de oficiais que idealizou e criou a revista Pindorama, inspirou-se nos jovens turcos, já que a publicação tinha como um dos principais objetivos relembrar a história da Instituição, principalmente através das participações bélicas desta e debater sobre a organização da BM. A revista tinha grande preocupação em debater algumas questões como armamentos, inovações tecnológicas, crescimento da capital e desenvolvimento das cidades do interior do Estado. A Brigada Militar era, na visão da Pindorama a garantia do poder dos republicanos no Rio Grande do Sul.

Brigada Militar: o braço forte em defesa do ideário Castilhista

Criada por Fernando Abbott, Secretário dos Negócios do Interior e Exterior, em exercício do cargo de Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, no lugar de Júlio de Castilhos e aos moldes deste, a Brigada Militar foi a grande força bélica do Rio Grande do Sul, “[...] Brigada Militar, que é uma muralha humana inderrocável e capaz de conquistar, pelas armas vitórias inconcebíveis [...]” (PINDORAMA, 1927, n.21). Reorganizada nos moldes do Exército, a Brigada Militar tinha como principais objetivos, segundo Moacyr Flores, “zelar pela segurança pública, manutenção da República e do governo do Estado, fazendo respeitar a ordem e executar as leis” (FLORES, 2001, p.107).

Contando com dois Batalhões de Infantaria e um Regimento de Cavalaria, além de inúmeros Esquadrões e Corpos Provisórios, a Brigada Militar era uma instituição secularizada, organizada militarmente e apresentava características próprias fundamentadas num regime jurídico com um Regimento Disciplinar e Processual que versa sobre as regras gerais de comportamento e condutas militares, bem como as sanções e punições aos faltosos.

Quando da sua organização, a Brigada Militar visava fazer frente ao iminente conflito armado que se anunciava: a Revolução Federalista (1893-1895). Desde então a Brigada estaria envolvida em todos os acontecimentos políticos/bélicos importantes na história do Rio

Grande do Sul e até mesmo em nível nacional. Atuou na Revolução de 1923, na Coluna Prestes, na Revolução de 1930 e na Revolução Constitucionalista de 1932, a última, antes da sua federalização e desarmamento bélico em 1937.

A Brigada Militar estava sobre a égide da influência positivista, logo os indivíduos que ingressavam na BM estariam longe de se tornarem possíveis “indesejáveis”, passando a ser “elementos de ordem, e não de perturbação social”, como salienta Sandra Pesavento na obra *República velha gaúcha: Estado autoritário e economia*.

O positivismo seguido por Júlio de Castilhos era uma versão pragmática da ideologia comtiana, entretanto, assumiu algumas peculiaridades locais. Vélez Rodriguez indica as principais diferenças entre o castilhismo e o comtismo, insistindo em que o primeiro tendeu a destacar, sob todos os aspectos, o poder de Estado, numa medida que jamais figurou nos projetos de Comte, e que o aspecto da liberdade de consciência e de opinião, sagrado para o filósofo francês, foi frustrado no Rio Grande castilhistas pelo “favorecimento da doutrina estatal através da imprensa do Partido” e pela “perseguição encarniçada aos jornais da oposição” (RODRIGUEZ, 2010, p.273).

Ser brigadiano proporcionava ao indivíduo um status e poder perante a sociedade. Este incorporava e assumia a filosofia da instituição como sua própria filosofia de vida. Seus princípios eram disciplina, organização e poder. Agiam a serviço da cidadania, visando a proteção do direito de todos, a preservação da ordem e da segurança pública da sociedade.

A importância do militar pode ser evidenciada em Pindorama:

O militar, com as suas múltiplas obrigações sociais imprescindíveis, além do nobre desempenho da carreira das armas, já de si tão complexo, que lhe impõe estudos demorados e profundos para cumpri-la á preceito, precisa cultura geral, fora d’essas fronteiras especializadas.

Frequente chamado a desempenhar comissões civis de alta relevância, obrigado a discutir os mais variados assuntos que interessam a Pátria, tem de mostrar real erudição e ciência perfeita daquilo que se debater e constituir a matéria de sua deputação, encargo ou embaixada.

No próprio seio da força, ou entre outros elementos graduados da sociedade, quando, como é corrente, se ocupar não só da vida íntima do seu país, mas também da vida externa de qualquer povo [...].

A obrigação porfiada de estudar, de ler muito, lhe constituirá necessidade imprescindível. Este labor que, de princípio, parece difícil e menos atraente, logo depois de alguns exercícios continuados, se transforma em hábito agradável [...].

Por certo, o indivíduo necessita de atividade física para o equilíbrio da saúde e reforço da resistência humana [...] (PINDORAMA, 1927, n. 13).

De acordo com o relato de Miguel Pereira havia “um investimento do governo para o desenvolvimento intelectual de seus integrantes através de escolas regimentares e aulas preparatórias” (PEREIRA, 1917, p. 120), assim como um investimento na remuneração dos integrantes, o que fazia com que esta fosse “visada por jovens de boas famílias” (PEREIRA, 1917, p. 120). É visível nos artigos que encontramos na Pindorama, que o governo investia gradativamente no aumento do número de soldados da Brigada, assim como os distribuía nos locais ao qual considerava de mais fácil mobilização, estando sempre prontos para agir.

Nas páginas da Pindorama evidenciamos a defesa da causa dos republicanos⁵ rio-grandenses, principalmente pelas edições que homenageiam Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Flores da Cunha, Getúlio Vargas, Pinheiro Machado, dentre outros.

Assim como também integrantes da própria BM que estavam à frente da polícia ou vieram a falecer em momentos de atuação bélica, como no caso do Coronel Affonso Emilio Massot, patrono da Brigada Militar, que foi o primeiro comandante da Força que não pertencia ao Exército. Este se destaca por sua atuação na revolta de dezembro de 1892, ano da criação de 17 Corpos Provisórios que foram organizados em diferentes pontos do Estado, de acordo com a necessidade e principalmente nas cidades mais próximas de divisa com o Uruguai, onde se encontravam os revoltosos.

Em 1909 Massot, então tenente-coronel, assumiu o Comando da Brigada, ficando provisoriamente no comando. Em março de 1909, o coronel Cipriano da Costa Ferreira, oficial do Exército Nacional, assumiu o comando da Força, destacando-se pelo empenho à instrução militar da Brigada, que era um dos temas frequentes nas reportagens da Revista.

⁵ O movimento republicano no Rio Grande do Sul apresentou muitas particularidades. Além de ter se organizado tardiamente (1882), como salienta Beatriz Weber, seus fundadores tinham características distintas das elites políticas da época: eram jovens, com instrução superior e sem experiência partidária anteriores. Ao contrário dos demais partidos republicanos e monárquicos, não defendiam a doutrina liberal como base de sua luta, mas se declaravam positivistas e organizaram um programa muito próximo das propostas de Augusto Comte. Apesar de pertencerem à elite econômica vinculada à pecuária, não compunham a tradicional elite da campanha gaúcha, que, em quase sua totalidade, formava o Partido Liberal. Eram provenientes, em sua maioria, da região norte do Estado. (Cf. *As artes de curar: Medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928)*. Santa Maria: UFSM; Bauru: EDUSC, 1999).

O coronel Cipriano ficou no comando até março de 1915, quando novamente assumiu o comando Affonso Emílio Massot. Este assumiu o cargo sob temores de revoltas, pois neste momento havia muitos protestos políticos devido à indicação do marechal Hermes da Fonseca a senador do Rio Grande.

Foi no comando de Massot, que a Brigada Militar solicitou ao governo do Estado a instalação de uma Escola de Aviação para treinamento dos seus integrantes. Em agosto de 1915 “encaminhou uma proposta que lhe fora apresentada pelo aviador John Barrow, acompanhada de um estudo procedido pelo engenheiro-aviador Evaldo Pedro Blauth” (MARIANTE, 1972, p. 142).

Entretanto a proposta não foi aceita, devido à magnitude desta e por ser uma função das Forças Armadas. Contudo em 1923 quando estourou a revolta, o governo através de um decreto criou este serviço, comprando na Argentina dois aviões com “a missão do Serviço era de observação, reconhecimento e informação, a respeito dos movimentos de tropas do Estado” (MARIANTE, 1972, p. 142). Este serviço durou pouco tempo, até janeiro de 1924. Também foi o momento de cursos de formação, como o Curso de Ensino, conhecimentos teóricos e gerais, destinado a oficiais e sargentos, e Curso Prático de Enfermeiros e Padioleiros, curso técnico profissional.

Nas páginas da revista encontramos informações para os integrantes da BM sobre as atuações da polícia, assim como seu apoio ao governo e a relação com o Exército Nacional, com quem a Brigada tinha estreita aproximação, visto que a preocupação com a instrução, armamento e disciplina foi fator que levou a uma missão de treinamento do Exército à força brigadiana. Tão estreita era esta relação que o primeiro comandante geral da BM foi o major do Exército Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz.

Não se evidenciou um debate político declarado nas matérias da revista. Entretanto é inquestionável a defesa da causa do governo Republicano, sendo que grande parcela dos colaboradores que escreveram as matérias, geralmente refletiam sobre aspectos políticos, que não tinham como serem deixados de fora, já que a revista fazia parte de um grupo politizado. A maioria dos colaboradores que escreviam para a Pindorama eram integrantes da própria Brigada, mas também havia artigos escritos por integrantes do Exército Nacional, como na edição de maio de 1926 que contava com a publicação especial para a Revista: “O rio Gy-Paraná” escrito pelo coronel Amílcar A. Botelho de Magalhães, falando sobre as pesquisas

realizadas pela Comissão Rondon⁶ da qual o coronel fazia parte, assim como era responsável pelos relatórios para o governo federal.

No ano de 1917, a Brigada passou a ser considerada força auxiliar do Exército. A ligação das duas forças militares é evidente, pois em 1918 chegou a primeira turma de sargentos brigadianos do Curso de Aperfeiçoamento da Instrução de Infantaria do Exército, formada no Rio de Janeiro.

Fortalecida, desde sua criação em 1892, por constantes contatos e cursos ministrados pelo Exército, a Brigada enfrentou a guerra civil de 1923⁷. Imediatamente a Brigada Militar saiu em defesa do PRR, que neste momento representariam a legalidade, como podemos observar na afirmativa de Artur F. Filho “o alto comando governista foi exercido pelo presidente Borges de Medeiros, com a assistência do Comando Geral da Brigada Militar, cel. Affonso Emílio Massot, e vários superiores do Exército” (FILHO, 1963, p. 148).

Terminado o conflito no Estado em 1923, a Brigada Militar foi convocada para auxiliar o governo federal em São Paulo contra o movimento que tinha a frente o general Izidoro Dias Lopes. Logo após formou-se a Coluna Prestes e a atuação da Brigada se fez em defesa do governo federal. Em outubro de 1925 morreu o coronel Massot e o comando da Força passou para o coronel Claudino Nunes Pereira, membro atuante no setor de assistência social da BM.

Evidenciamos nas páginas da Pindorama o apoio da BM aos pleitos do PRR, já que encontramos artigos que colocavam Assis Brasil e seus seguidores, como os males da nação brasileira.

⁶ A comissão Rondon (1917-1930) foi criada para estudar as possibilidades para a construção da linha telegráfica entre Cuiabá e Corumbá, alcançando as fronteiras do Paraguai e Bolívia. Essa linha foi a primeira a alcançar a região amazônica. Entre os anos 1915-1920 se fez o levantamento de diferentes rios, entre eles o Ji-Paraná. As atividades de Rondon (nome do comandante responsável) privilegiaram o estudo e mapeamento da região, uma espécie de desbravamento do território nacional.

⁷ Quando Borges de Medeiros se reelegeu para seu quinto mandato consecutivo, Assis Brasil, opositor que concorreu às eleições de 1922 e denunciou fraude no resultado eleitoral iniciou uma revolução para depor Borges. A revolta foi, de acordo com Carone, uma surpresa para Borges, o que possibilitou uma ação mais fácil para os assististas, deixando o governo numa posição defensiva. Entretanto, “*Borges logo reforça suas tropas criando mais três corpos de Provisórios na Brigada Militar, compra armamentos na Argentina e contrata mercenários no Uruguai*” (CARONE, 1983, p. 375-378). Artur Bernardes tentou realizar um acordo entre os revolucionários para dar fim ao movimento armado, entretanto, devido a vitórias militares, Borges não aceita um acordo, que somente será assinado em outubro de 1923 na fazenda de Assis Brasil, Pedras Altas (nome que levou o Tratado). Com o fim da revolta Borges prosseguiu na presidência do estado, entretanto, não poderia se candidatar em futuras eleições.

Joaquim Francisco de Assis Brasil foi figura de grande relevância no cenário da política nacional, principalmente na carreira diplomática e nos estudos sobre a política e sua organização. Foi em 1885 o primeiro deputado republicano pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, destacou-se por ser contra o golpe do marechal Deodoro da Fonseca, que acabou por proclamar a República no Brasil. A partir de 1910 passou a ter uma atuação forte ao lado dos chefes locais rio-grandenses, que se opunham ao castilhismo.

Assis Brasil foi o responsável pelo planejamento e construção da Granja de Pedras Altas que anos mais tarde seria o local de assinatura do tratado de paz entre republicanos rio-grandenses e assististas. Na luta que travou contra a política castilhista, acabou por se aliar aos chefes maragatos que lutaram e sobreviveram à revolta de 1893.

Após a revolta de 1923, exilou-se no Uruguai e tornou-se um grande apoiador dos revolucionários paulistas de 1924 e da Coluna Prestes, na qual recebeu o cargo de Chefe Civil do movimento. No ano de 1927, Assis Brasil, foi eleito deputado federal pela Aliança Libertadora, momento no qual organizou o Partido Democrático Nacional. Assis Brasil se definiu, pouco antes de sua morte, como “um pregador da liberdade” (AITA, 2006, p. 142).

Entretanto, os movimentos no meio militar federal continuaram e em 1926, parte das guarnições de Bajé, Santa Maria e São Gabriel revoltaram-se. Em Santa Maria o levante se fez sentir de maneira mais forte, devido ao número de adeptos, quase toda a guarnição. No final deste mesmo ano, ocorreu um levante no quartel do Exército em São Leopoldo e o governo contou com o apoio militar da Brigada para conter estas rebeliões.

Dentre todas as atuações da Brigada Militar, um grande destaque deve-se aos Corpos de Reserva, Provisórios e Auxiliares, pois estes atuaram em grande número na Revolução Federalista (1893) e na revolta de Assisista (1923). Os Corpos Provisórios eram rapidamente mobilizados, estes somados com os efetivos formavam uma força maior da que a do Exército que se encontrava no estado (III Região). Segundo Mariante,

a existência de tais unidades, malsinada por uns, endeusada por outros, muito colaborou para a manutenção da ordem legal no país e era uma necessidade na época, pois que não podiam os governos manter, permanentemente, um exército numeroso, capaz de fazer face às constantes agitações do tempo, valendo-se da criação dessas forças que, findo o motivo de sua criação, eram extintas (MARIANTE, 1972, p. 170).

Desde a sua criação, a Brigada atuou como um exército estadual, ou seja, com um caráter mais militar do que policial, como atesta Mariante: “seus efetivos permaneciam quase que integralmente nos quartéis, sujeitos a uma instrução que dizia respeito mais às coisas da guerra, com exercícios e manobras essencialmente militares” (MARIANTE, 1972, p. 178). Love assinala que a Brigada possuía “mais rifles que as outras polícias militares estaduais e que somente após 1930 o Exército nacional passou a ser mais bem equipado que essa força” (LOVE, 1975, p. 123), o que ressalta a potência militar da BM do Rio Grande do Sul. O policiamento não condizia com o que deveria ser, isto é, um policiamento preventivo, e, na maioria das vezes era repressivo.

Os integrantes da Brigada Militar se viam como fiéis defensores do governo castilhistaborgista, enfrentando tanto as desobediências internas do PRR, quanto a oposição. Também intimidavam os adversários do PRR na política nacional, ou seja, qualquer tentativa de intervenção do governo federal, ou até mesmo, o apoio de outros Estados aos opositores republicanos rio-grandenses, iriam enfrentar a BM. A Brigada garantia que não houvesse nenhuma tentativa de intervenção militar na presidência do Rio Grande do Sul e por este motivo, havia um cuidado do governo federal em manter uma boa relação entre Brigada e Exército.

Os integrantes da BM se viam como militares na sua mais pura e real formação, com uma tradição a ser honrada e como merecedores de respeito por tudo o que significavam diante da manutenção da ordem política do estado, assim como por seu poder bélico. Os militares no Brasil exerceram influência política decisiva em diferentes momentos. Da mesma forma, a Brigada, que desde o seu surgimento, participou de movimentos políticos armados. A afirmação do coronel e ex-presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt de que a história militar está intimamente ligada à história nacional (CASTRO, 2004, p. 12), encontra eco no caso do Rio Grande do Sul, onde se evidenciou que o desenho da política estadual, no período que abordamos, esteve intrinsecamente ligado à atuação da Brigada.

Missão formadora da BM: o Exército Brasileiro

A Brigada Militar, desde a sua criação, foi pensada como um “exército regional” que iria garantir a permanência dos castilhistas no poder. Esta foi criada aos moldes do Exército

Nacional, tendo como seu primeiro comandante o major do exército Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz, inclusive, muitos foram os integrantes das fileiras do Exército que ingressaram na BM no período de sua organização. A preocupação de Júlio de Castilhos ao pensar a formação desta Força, foi de que ela recebesse a mesma instrução, armamento e disciplina que aquele que era o grande responsável pela garantia da ordem e segurança nacional.

Ao criar a Brigada Militar o discurso era de que esta teria como missão primeira o serviço de policiamento, entretanto este nunca foi realizado, já que esta função ficou para a Polícia Judiciária, que contou com o apoio da BM em algumas situações, conforme salienta Romeu Karnikowski:

A Brigada Militar não tinha incumbência de polícia, embora realizasse alguma atividade de polícia e quando era solicitada, por autoridade competente, para reprimir tumultos e distúrbios que perturbassem a ordem pública, ou reprimir distúrbios e motins [...]. Mas desde a sua criação, a Brigada Militar estava posicionada como exército estadual, adestrada para a guerra, armada com equipamentos bélicos equivalentes ao do Exército: fuzis *Mannlichers* e dos bons fuzis *Comblains* que o Exército Nacional havia adotado em 1872 como arma padrão (KARNIKOWSKI, 2010, p. 148).

A Brigada não tardou para tornar-se uma tropa temida e respeitada, já que seu treinamento e trajetória bélica eram conhecidos por todo o país, tanto que por mais de uma ocasião, o governo federal não interviu nos conflitos políticos dentro do estado, para não precisar enfrentar a força da BM. O oficialato da Força, contou nos primeiros anos, com grandes nomes do Exército nacional, como salientou Cabeda, entre eles podemos destacar os coronéis: Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz, José Carlos Pinto Junior, Cipriano da Costa Ferreira, João de Deus Canabarro Cunha e Fabrício Batista de Oliveira Pillar.

A BM recebeu a Missão de Instrução do Exército a partir de 1909, marcando o início de uma aproximação das duas forças e o que poderíamos denominar de início de uma longa parceria e apoio militar. Foi através da expedição do Aviso nº 971, de 10 de julho de 1909, pelo então ministro de Guerra, general Carlos Eugênio de Andrade Guimarães, que teve início a Missão Instrutora do Exército na Brigada Militar do Rio Grande do Sul, no governo de Borges de Medeiros, tendo como instrutores Ruy França e Francisco De Lorenzi, ambos no posto de capitão.

Inicialmente, em 1910, escreveram um manual de Instrução de Infantaria que trazia informações para as tropas com táticas dessa arma. O armamento se comparava com o do Exército: fuzis Comblains, Mannlicher e Chassepot, posteriormente à Primeira Guerra, a BM ainda adquiriu metralhadoras pesadas, ou seja, estava acompanhando as tendências armamentistas militares mundiais. O armamento da Brigada era realmente forte, entretanto, a potência desse “exército regional” estava na sua forte experiência bélica, já que seus integrantes tinham grande qualidade militar, melhor que o Exército Nacional, que tinha falta de treinamento adequado⁸ e de material bélico. A organização foi semelhante com a do Exército, dividida em corpos de batalhões e regimentos, o que ressaltava sua característica militar, voltada para atuação bélica e não policiamento.

A BM preocupou-se em investir na formação de líderes de campo de batalha, um oficialato aperfeiçoado no sentido técnico e também disciplinado. A Missão Instrutora sedimentou o *ethos militar*⁹ do oficialato, Pindorama salientava para seus integrantes e leitores os princípios da disciplina e da educação militar, o que reforça que a Brigada era realmente, militar.

A Missão Instrutora também organizou os regulamentos, selecionou e decidiu sobre o armamento a ser usado, comandou forças em campanha, instruiu e preparou quadros para estar à frente da força.

Desde a sua criação, os investimentos bélicos foram constantes, como foi possível observar, cabe ainda, salientar a importância da criação dos Corpos Provisórios ou forças auxiliares, que eram mobilizados com rapidez e tinham treinamento e sentimento de pertencimento à BM. Seguidamente se deslocavam para alguma região do estado para lá ficarem instalados e realizando treinamento militar.

A Brigada Militar desde sua criação e posteriormente com a Missão Formadora do Exército teve vultosos investimentos bélicos, dentre eles, a criação do seu quartel general e o hospital da Brigada. As forças auxiliares, organizadas e estacionadas em diferentes cidades do Rio Grande do Sul, contribuíam com o grande e expressivo número de integrantes da BM,

⁸ A Brigada foi forjada num momento de “pegar em armas”, e por ter desempenhado bem sua função, ou seja, garantir a manutenção do PRR no poder do estado ganhou fama por sua atuação: invencível e logo, destaque, já que seu “treinamento” foi num momento decisivo. Conforme podemos observar no livro de Miguel Pereira.

⁹ Na formação do *ethos militar* é imprescindível o profissionalismo (carreira) e a doutrina militar. Ainda percebemos o discurso de superioridade moral dos militares.

apesar de não desempenharem o mesmo papel que os oficiais da força, estes eram indispensáveis e tiveram papel fundamental nas conquistas bélicas da Brigada.

Considerações finais

O principal objetivo deste estudo foi reconstituir a história da Brigada Militar do Rio Grande do Sul a partir das páginas da revista Pindorama, que circulou de 1926 até 1928. A Brigada Militar teve papel de fundamental importância para a organização do estado, assim como para as estruturas republicanas que se consolidaram no Rio Grande do Sul. A partir das páginas desta revista foi possível observar que esta instituição exerceu uma função maior da que até então encontramos registrado nos estudos de história do Rio Grande do Sul, assim como do próprio país, já que esta atuou de maneira decisiva na revolução de 1930 e contribuiu para a defesa de Vargas na revolta Constituinte de 1932 em São Paulo.

A Brigada Militar foi criada aos moldes do Exército nacional, com o qual teve, ao longo da Primeira República, estreita relação, principalmente devido à sua Missão de Instrução, que formou a concepção do *ethos militar* na força, assim como comandou esta nos primeiros anos de sua existência. Devemos ressaltar que inúmeras foram as contribuições do Exército a partir desta missão, já que alguns princípios deste se plasmaram na cultura brigadiana e ainda perduram na instituição. A Brigada Militar foi moldada pela filosofia castilhista, que era inspirada no pensamento positivista de Auguste Comte. De acordo com o pensamento castilhista o Estado deteria todo o poder, não tendo espaço para a liberdade, ou seja, o autoritarismo guiando a política.

A revista ao longo de suas 31 edições focou na análise histórica do Rio Grande do Sul, nas disputas políticas e consequências bélicas. A Brigada Militar foi criada antevendo um conflito armado de disputa pelo poder do governo do Rio Grande do Sul, em um momento que em todo o país, era possível observar disputas pela hegemonia política. Sendo assim, quando Júlio de Castilhos chegou ao poder, organizou uma estrutura governamental, que tinha como grande sustentador a BM, já que os integrantes desta se identificavam com o regime republicano.

Os republicanos durante seu governo no Rio Grande do Sul investiram maciçamente na Brigada Militar. Não foram poucos os investimentos econômicos e bélicos: armamentos;

formação militar e intelectual; quartéis e remuneração. Os investimentos nesta força foram constantes, conforme conseguimos observar nos relatórios de Estado.

Os integrantes da BM identificavam na figura de Júlio de Castilhos e posteriormente em Borges de Medeiros, a ordem e progresso que a República se comprometera trazer para o país. Entretanto havia uma oposição ao Castilhismo, inicialmente na liderança de Gaspar Silveira Martins e posteriormente em Assis Brasil. Esta oposição viu como única forma de derrubar o governo castilhista, iniciar uma revolução, sendo assim, em 1893 ocorreu uma das mais sangrentas lutas no solo gaúcho, onde por ambas as partes usaram da degola como grande estratégia.

Ocorre que neste momento, Castilhos já tinha a máquina pública em suas mãos e contava com o apoio do governo federal – que na realidade, preferia não intervir nesta luta armada. Depois de mais de dois anos de incansáveis batalhas, os maragatos, como ficaram conhecidos estes rebeldes, acabaram por se exilar no Uruguai.

Ao sair da presidência do Rio Grande do Sul, Castilhos deixou um herdeiro político para dar continuidade ao seu projeto político e à sua obra republicana, Borges de Medeiros, que inspirado no grande mito e Patriarca, governou o estado por mais de 15 anos consecutivamente. Devido à inexistência democrática, logo uma oposição se levantou em armas novamente para tentar fazer frente à ditadura castilhista-borgista, sendo assim, em 1923 sob a liderança de Assis Brasil, iniciou um movimento armado contra o governo de Borges, que contava com o poder e organização da sua força bélica, a BM, que passou a perseguir e combater os revolucionários, dando fim a mais uma tentativa de tirar do governo das mãos do PRR.

Com o acordo de paz assinado em dezembro de 1923 ficou estabelecido que Borges não poderia mais se candidatar ao final de seu mandato, assim este também se preocupou em ter um sucessor e acabou por decisão do PRR escolhendo como sucessor Getúlio Vargas, que destoava bastante politicamente dele, já que Vargas sempre fora conciliador. Nos anos que se seguiram o estado enfrentou algumas agitações políticas dentro dos quartéis do Exército instalados no Rio Grande do Sul, devido aos movimentos tenentistas que suscitavam o pegar em armas para resgatar o ideal da República que fora proclamada em 1889 e havia sido ao ver destes militares traído.

Novamente o governo estadual se utilizou da Brigada Militar, seu braço armado e fiel para conter estas revoltas e por vezes, esta ainda prestou auxílio ao governo federal, mandando tropas para os demais estados da federação. As agitações políticas foram constantes e se instauravam incertezas sobre os rumos do país que passava por dificuldades econômicas e investia massivamente no principal produto de exportação, o café, beneficiando assim, o principal produtor, São Paulo.

Estes momentos de dúvidas foram capitalizados dentro da BM e a partir do seu periódico buscou-se recordar à força sobre sua verdadeira missão, assim como quem eram os verdadeiros heróis e modelos a serem seguidos, assim como frisavam quem era o principal inimigo da República Rio-grandense, Assis Brasil.

A atuação política da Brigada pode ser observada pela exaltação de defesa do sistema republicano, assim como por “pegar em armas” para defender a ideologia Castilhistas. Foi fundamental para que o PRR se mantivesse no poder ter tido a Brigada como defensora da ordem estabelecida. Esta, ao longo da Primeira República, exerceu função de Exército estadual e caracterizou-se por ser invicta, causando grande temor nos que pretendessem tornar-se oposição. Deste modo, a revista surgiu num contexto de declínio do PRR, já que Borges de Medeiros não tinha elegido um sucessor que seguisse sua política, como fora feito por Castilhos, assim como as mudanças políticas e econômicas no país davam indícios de fortes mudanças.

As incertezas sobre os rumos políticos do estado no final do governo de Borges ganhavam cada vez mais espaço, assim como quais seriam os rumos do PRR e conseqüentemente do país, essas dúvidas fizeram dois jovens tenentes, integrantes da cúpula militar da Brigada Militar, fundarem Pindorama e retomarem a história da instituição e reforçarem a importância bélica desta, numa tentativa de fortalecer o PRR diante dos integrantes da BM e até mesmo da população.

Conclui-se que revista foi uma operação estratégica desenvolvida possivelmente com o aval do PRR, de quem toda cúpula, era participante. Assim como, também pode ter sido criada ou ter sido articulada pelos oficiais comandantes e estar enquadrada dentro de um planejamento do próprio ex-comandante coronel Afonso Massot, que morrera cinco meses antes e de quem o seu sucessor coronel Claudino Nunes era amicíssimo e apoiou veemente a

publicação. Pindorama retratou a participação direta da oficialidade superior da BM, no processo de poder político, daquele período.

A Brigada Militar foi decisiva nos embates de 1893, 1923, movimentos tenentistas, revolução de 1930 e revolta constituinte de 1932. Logo depois de decretado o golpe do Estado Novo, as polícias foram federalizadas, o que mudou bastante o poder bélico da BM, assim como sua função, já que esta representava grande perigo para os rumos políticos do governo Vargas. A partir deste momento, não apenas a Brigada Militar passaria por drásticas mudanças, mas todo o país, tema que se abre para novos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITA, Carmen S. A. *Liberalismo e República: O pensamento político de J. F. de Assis Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CABEDA, Coralio B. Pardo. *A Missão de Instrução do Exército na Brigada Militar do Rio Grande do Sul (1909-1932)*. In: Revista Defesa Nacional, out/dez, 1991.

CARONE, Edgar. *A República Velha II – Evolução Política (1889-1930)*. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1983.

CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vítor; KRAAY, Hendrick (orgs.). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORONEL, Audixford Almeida. *Sumário da vida e obra do Coronel Affonso Emílio Massot: Patrono da Brigada Militar*. Porto Alegre: Edições BM, 1987.

FAUSTO, Boris.. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FILHO, Arthur F. *Revoluções e Caudilhos*. Porto Alegre: Querência, 1963.

FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

FONTOURA, João Neves da. *Borges de Medeiros e seu tempo*. 1º volume. Porto Alegre: Globo, 1958.

HOHLFELDT, Antonio. *A Imprensa (1870-1930)*. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coords.); RECKZIEGEL, Ana Luiza S.; AXT, Gunter (dirs.). *República Velha 1889-1930*. Passo Fundo: Méritos, 2007, - v.3 t.2 – (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

KARNIKOWSKI, Romeu Machado. *De exército estadual à polícia-militar: o papel dos oficiais na “policialização” da Brigada Militar (1892-1988)*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LOVE, Joseph. *O Regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MARIANTE, Hélio Moro. *Crônica da Brigada Militar Gaúcha*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1972.

PEREIRA, Miguel. *Esboço Histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Americana de Cunha, Rentzsch e C., 1917. Vol. 1.

PEREIRA, Miguel. *Esboço Histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Americana de Cunha, Rentzsch e C., 1917. Vol. 2.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *República velha gaúcha: Estado autoritário e economia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

PINDORAMA. Porto Alegre, abril de 1926 – outubro de 1928.

RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. *Castilhismo: uma filosofia da República*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

WEBER, Beatriz. *As artes de curar: Medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928)*. Santa Maria: UFSM; Bauru: EDUSC, 1999).